



## O Paese di Cuccagna e a Phantasiinsel: a construção do imaginário popular dos imigrantes alemães e italianos

Ciro Damke (UNIOESTE)<sup>1</sup>

[cdamke@hotmail.com](mailto:cdamke@hotmail.com)

Mariani Vanessa Gomes (UNIOESTE)<sup>2</sup>

[marianyh\\_vanessa@hotmail.com](mailto:marianyh_vanessa@hotmail.com)

**Resumo:** Os imigrantes europeus (alemães, italianos e outros), ao emigrarem de seus países da Europa para a nova pátria, o Brasil, muitas vezes eram forçados pelas péssimas condições de vida em suas pátrias de origem. Ao lado disto, vinham também embalados pelos sonhos de uma vida melhor, principalmente, da construção de um futuro mais digno para si e para suas famílias. No entanto, nem sempre estes sonhos eram construídos em cima da realidade, já faziam parte do imaginário popular construído ao longo dos séculos, baseado em lendas e histórias. O que era a *ilha da fantasia* (*Phantasiinsel*) (DAMKE, 1997, p. 5) e (DAMKE e SAVEDRA, 2013, p. 182) dos imigrantes alemães e a *cocanha* (POZENATO, 2000, p. 11) dos italianos? O que eram sonhos e o que era realidade na construção deste imaginário popular? Neste texto tentaremos responder destas questões, algumas das quais, com certeza, influenciaram na decisão da vinda de muitos imigrantes.

**Palavras-Chave:** *Imigrantes alemães e italianos; a ilha da fantasia; a cocanha.*

**Abstract:** European immigrants (Germans, Italians and others), emigrating from their European countries to the new homeland, Brazil, were often forced by the poor living conditions in their homelands. Alongside this, they were also wrapped up in the dreams of a better life, especially, of building a more dignified future for themselves and their families. However, these dreams were not always built on reality; they were already part of the popular imagination built over the centuries, based on legends and stories. What were the *fantasy island* (*Phantasiinsel*) (DAMKE, 1997, p. 5) e (DAMKE e SAVEDRA, 2013, p. 182) of the German immigrants and *the cocanha* (POZENATO, 2000, p. 11) of the Italians? What were dreams and what was reality in the construction of this popular imagination? In this text we will try to answer these questions, some of which, of course, have influenced the decision many immigrants to come.

**Keywords:** *German and Italian immigrants; fantasy island; the cocanha.*

---

<sup>1</sup> Professor do Curso de Letras Português/Alemão/Espanhol/Inglês da UNIOESTE, *Campus* de Marechal Cândido Rondon, PR e do Programa de Mestrado e Doutorado em Letras *Linguagem e Sociedade*, UNIOESTE, Cascavel, PR.

<sup>2</sup> Aluna do Programa de Mestrado e Doutorado em Letras *Linguagem e Sociedade*, bolsista CAPES, UNIOESTE, Cascavel, PR.



## Introdução

Mesmo que esta análise da cocanha ou do *país das maravilhas* se refira à vida e história dos imigrantes alemães e italianos, portanto remete ao século XIX, há registros da presença de uma terra *onde corria leite e mel*, bem antes destas datas, como mostram as considerações que faremos ao longo deste texto. A maioria dos historiadores apresenta o ano de 1824 como data do início da imigração alemã para o Brasil, enquanto o ano de 1870 para os imigrantes italianos. Segundo Arendt e Pavani, baseando-se em Hilário Franco Júnior (1988), a primeira representação literária da cocanha teria surgido na França em meados do século XIII. De acordo com os autores:

O poema representa um país em que todos os prazeres carnavais são facilmente supridos, já que tudo se encontra ao alcance da mão, “sem pagar sequer uma moeda”: bebidas, comidas, roupas, calçados, dinheiro, prazeres, festas, etc. Do mesmo modo, não existem obrigações sociais, como trabalho, leis e casamento, porque “lá, quem mais dorme mais ganha”, “sem oposição e sem proibição / cada um pega tudo o que seu coração deseja” e “cada um satisfaz seu prazer / como quer e por lazer”. Trata-se, na verdade, de uma sociedade utópica, uma terra, “mais que qualquer outra região”, abençoada e sagrada por “Deus e todos os santos. ” Outra maravilha desse país é “a fonte da juventude / que rejuvenesce as pessoas / e traz outros benefícios” (ARENDDT E PAVANI, 2006, p. 220, destaques dos autores).

De acordo com os autores (Ibidem, p. 221) a ideia da Terra Prometida já está no livro do Êxodo quando Ramsés, no Egito, partiu para a “terra boa e vasta, terra que mana leite e mel” e pode ser considerado como um rito de passagem. Durante o percurso até a Terra Prometida, Moisés, porta-voz dos desígnios divinos aos hebreus, faz a seguinte descrição desse espaço imaginário:

Eis que *Iahweh* teu Deus vai te introduzir numa terra boa: terra cheia de ribeiros de água e fontes profundas que jorram no vale e na montanha; terra de trigo e cevada, de vinhas, figueiras e romãzeiras, terra de oliveiras, de azeite e de mel; terra onde vais comer pão sem escassez – nela nada te faltará! -, terra cujas pedras são de ferro e de cujas montanhas extrairás o cobre. Comerás e ficarás saciado, e bendirás a *Iahweh* teu Deus na terra que ele te dará (Dt. 8, 7-10, in ARENDT e PAVANI, p. 221, destaques dos autores).

Assim, a ideia de uma terra cheia de maravilhas, a cocanha moderna, está presente no imaginário popular desde a antiguidade. Era a Terra Prometida do povo de Israel, era o Jardim



do Éden, o paraíso terrestre descrito no Livro do Gênesis (Gn, 2,9) como lugar em que existe “toda a espécie de árvores formosas de ver e boas de comer”.

A associação da Terra Prometida de antigamente com a América como a cocanha moderna, segundo Arendt e Pavani (2006, p. 222) tem raízes históricas e, baseando-se em Holanda (1996), afirmam que a América já existia, mesmo antes do próprio descobrimento, como uma espécie de paraíso no imaginário europeu: “Assim, no século XIX, em vista da crise econômica e política que condenou grande parte da população rural de Itália [e da Alemanha] à miséria, a utopia americana emergiu como saída viável para a situação”.

O imaginário social, segundo os autores Arendt e Pavani, baseando-se em BACZKO (1986), DURAND (1988), PLATAGEAN (apud LE GOFF, 1990), MAFFESOLI (1984, 2001) é:

Composto por sonhos, mitos, imagens e experiências coletivas que transcendem a cultura material, o imaginário social constitui um ponto de referência no vasto sistema simbólico produzido pelas coletividades. O imaginário designa identidades, elabora e reelabora representações, estabelece e distribui papéis e posições sociais, exprime e impõe crenças comuns, bem como constrói códigos de comportamento. Ele cumpre, em suma, a função de regular e orientar a vida social dos indivíduos, catalisando os interesses dos grupos (ARENDRT e PAVANI, 2006, p. 220).

Ao longo destas análises pode-se notar que boa parte desta definição do que vem a ser o imaginário popular, seja no âmbito individual quanto coletivo das pessoas, se confirma na transformação dos sonhos em realidade dos imigrantes europeus. No caso dos alemães, Damke e Svedra encontraram uma relação bastante estreita entre os sonhos do imaginário popular e o espírito de aventura, o chamado *Wanderlust*, o que, aliás, já havia sido focado anteriormente por Fouquet, Hübner Flores e Damke:

A obsessão pelo desconhecido, pelo longínquo, que levava a querer conhecer novos mares e novas terras, a saudade dos habitantes do norte pelo ensolarado sul é um atributo dos europeus, aqui incluídos os alemães, mundialmente conhecido e que é amplamente cantado por poetas e cantores (FOUQUET, 1974, p. 80, HÜBNER FLORES, 1983, p. 110, DAMKE, 1997, p. 15).

Para “este espírito de aventura do irrequieto povo germânico e que pode ser visto em muitas músicas populares cantadas ainda hoje por seus descendentes”, Damke (1997, p. 147) já chamava a atenção. É fácil traçar um paralelo bastante estreito entre este *Wanderlust* dos antigos germânicos e de seus descendentes, os alemães, e os sonhos do imaginário popular que



estes, em grande parte, transformaram em realidade através da migração para o Brasil.

### Entre sonhos e a realidade

Com relação à construção do imaginário popular dos imigrantes italianos baseamo-nos, em grande parte, no livro de Pozenato *A cocanha* (2000), daí as citações frequentes deste autor. O autor descreve os sonhos e como, em grande parte, estes se tornaram realidade na vida dos imigrantes italianos, mas, o que vale perfeitamente também para os imigrantes alemães.

Ao analisar a história da imigração alemã e italiana para o Brasil, não dá para ignorar a ação dos agenciadores de imigrantes na Europa que, segundo Arendt e Pavani (2006, p. 22), Damke (2013, p. 27) e outros autores, foi intensa e deve ter influenciado na decisão de muitas pessoas a emigrarem. Fato idêntico se observa numa passagem de *A cocanha* onde o autor Pozenato fala do farto material de propaganda que circulava em muitas regiões da Europa:

Estava casado há poucos dias quando Cósimo apareceu uma noite, depois da janta, com a proposta de ir para a América. Mostrou um folheto da La Veloce, em cores que pareciam pintura de igreja. Ali prometiam viagem rápida, em vapor moderno, e tratamento de primeira para os passageiros. Olhando as mulheres de ricos vestidos, os chapéus de feltro dos cavalheiros, o navio vermelho e branco, a viagem ficava parecendo uma festa de senhores. Outro folheto garantia ser o Brasil o verdadeiro país da cocanha, onde quem menos trabalha mais ganha. Terras quase de graça, para quem quisesse ser dono de terras. “A gente pode ter mais terra do que esses *Signori* que andam a cavalo pelos campos, com uma espingarda no ombro, e dizem tudo que lhes vem à boca”, dizia Cósimo entusiasmado (POZENATO, 2000, p. 17-18, destaques do autor).

Mesmo que a ação dos agenciadores possa ser questionada, sem dúvida, muito do êxito da imigração alemã e italiana deve ser creditado a esta atividade, como também afirmam os historiadores que tratam da imigração alemã: Porto (1934, p. 51), Oberacker, (1955, p. 158), Roche (1969, p. 94) e Fouquet, (1974, p. 75).

A autora Biasi, citando Ornellas, texto também apresentado por Damke e Savedra (2013, p. 185), falando dos gaúchos que seriam “descendentes dos nômades berberes que civilizaram durante séculos a Algarvia portuguesa, a Maragateria e Andaluzia na Espanha”, traz uma afirmação, considerando o espírito aventureiro que vale também, para o povo alemão, descendente dos antigos germânicos:





O sonho da América com suas promessas tentadoras de fortuna fácil, a vastidão sem limites da terra fecunda e virgem e as possibilidades de grandes aventuras estimularam o espírito inquieto dos homens que traziam no sangue o nomadismo de séculos. E os espanhóis e portugueses descendentes de berberes e árabes, agitados pela ideia e febre das descobertas e surpresas do novo mundo, embarcam, certo dia, entre levas de imigrantes para as planícies do Novo Continente. [...] Desceram às terras do Sul, e as planuras ermas, o grande deserto verde que só as tribos ferozes haviam percorrido, encheram-lhes os olhos de luz e distâncias (BIASI, 2004, p. 74, citando ORNELLAS, 1956, p. 153-154).

De que regiões da Itália vinham os imigrantes? Uma passagem de Pozenato (2000, p. 47) diz que falavam os mais diferentes dialetos, portanto provinham de praticamente todas as regiões da Itália: “Lá em cima havia um vozerio como de praça cheia de gente, falando toda espécie de dialeto. Alguns, Rosa conseguia entender. Outros pareciam língua estrangeira, de tão diferentes”.

Em outra passagem o autor (Ibidem) ressalta mais claramente ainda as diferenças regionais dos imigrantes:

Essa gente que aqui vem chegando, descubro agora, não se considera italiana. Ou considera-se tal apenas em segundo plano. Pergunte-se a qualquer um deles a sua origem e dirão: sou veronês, sou paduano, sou vicentino, sou belunês. Outros de língua mais arrevezada, diz-me o Góes que são milaneses, bergamascos, cremoneses. Vi passaportes em que os portadores constam até mesmo como austríacos, embora falem um dialeto de tipo italiano. Mas eles também não se dizem austríacos, e sim tirolezes. São os *senza bandiera*, os “sem bandeira” (POZENATO, 2000, p. 194, destaques do autor).

Inclusive, com relação ao português, esta língua, língua era denominada de *brasileiro*, como afirma Pozenato (2000, p. 222) na voz da personagem Delfina: “É que ele não fala bem em brasileiro”. Para esta terminologia, já Damke (1988, p. 94), chamava a atenção.

Como teria sido a despedida dos imigrantes ao embarcarem no navio que os levaria na longa viagem para a cocanha? Pozenato descreve a despedida dos personagens Rosa e Aurélio:

Os passageiros se acotovelavam na amurada, acenando com lenços. Ela não tinha ninguém no porto para acenar. Acenou assim mesmo para a cidade brilhando ao sol, para as montanhas atrás dela. Imaginou estar acenando para a pequenina Roncà, a muitos quilômetros de distância, onde ficavam seus pais e irmãos, suas tias e avós. Um alarido de choro, gritos e risadas nervosas encheu o navio. *Addio Itália, addio per sempre*, gritou um velho de barbas



brancas, agitando os braços. Um homem ao lado repetia como se estivesse rezando a ladainha: *Addio fame, addio miséria*. Rosa sentiu os olhos cheios de lágrimas e deitou a cabeça no ombro de Aurélio (POZENATO, 2000, p. 47).

Os sonhos de como seria a América estavam presentes de forma intensa no imaginário dos imigrantes, o personagem Aurélio de Pozenato personifica estes sonhos:

Aurélio puxou o chapéu sobre a testa e fechou os olhos. Por um momento, imaginou que, quando os abrisse, já estaria na América. Como seria essa América? As canções diziam que era o paraíso. Viu à sua frente um enorme campo de flores que subia pelas encostas, margeava as estradas e cobria até a torre da igreja. Ele andava a cavalo no meio delas, com uma espingarda no ombro e, de repente, encontrava Rosa, de vestido vermelho, uma linda dama, deitada na relva, sorrindo, chamando por ele. Ele descia do cavalo e deitava ao lado dela. Podia sentir no pescoço a sua respiração quente, como de febre. “Toda esta terra é nossa”, ela dizia, “vamos ter aqui muitos filhos.” Mas um trovão surdo começou a vir de nuvens distantes, cada vez mais forte, e o sol desapareceu. Aurélio deu um salto e puxou com ele a mulher. Precisavam fugir antes de cair a tempestade (POZENATO, 2000, p. 20-21, destaques do autor).

Em outra passagem o autor (Ibidem) descreve os sonhos que cada imigrante tinha. Sempre era o oposto da vida de fome e miséria que tinham na Itália. Na cocanha, eram sonhos de uma vida cheia de fartura e sucesso:

Sonhavam no que iam conseguir ter e nunca tinham tido. Cada um tinha seu sonho particular, mas o de todos eles era no fim semelhante. Imaginavam a quantidade de terras que iam cobrir de trigo, de milho, de cevada, de amoreiras. As vacas produzindo leite, sem nunca faltar queijos empilhados no celeiro, porcos em quantidade, os salames pendurados na cantina o ano inteiro, as galinhas, gansos e patos. As pipas cheias de vinho. Tudo isso podiam ter na América, e já bem próximo, porque em menos de duas semanas estariam lá (POZENATO, 2000, p. 60-61).

Num diálogo entre Cósimo e Domênico, personagens do romance de Pozenato (2000, p. 75), aparece claramente o sentimento dos imigrantes em preservar sua língua e seus costumes, e de outro, a preocupação em se adaptar à realidade da nova terra: “Tem que ir se acostumando – provocou Domênico. – A América não é a Itália. [...] - Trazendo a Itália para a América?”

Em outra parte, o autor (Ibidem, p. 78) descreve a passagem da família real diante dos imigrantes. Diz que entre vivas e aplausos o personagem Domênico: “Começava nesse



momento a ter orgulho da nova pátria”.

Duras, muito duras foram as palavras do personagem Domênico em *A cocanha* de Pozenato aos emigrantes com relação à Itália, a pátria que estavam deixando para migrarem para o Brasil:

Daqui a trinta anos ninguém vai falar de vocês. Vocês estarão esquecidos. O que está acontecendo é uma vergonha muito grande para a Itália guardar na memória. Não vai ficar nem nos livros de história. Vocês são expulsos e serão esquecidos. Como o sangue tirado do corpo. Vai para o balde e não se fala mais dele. Se um dia um de vocês voltar, para rever com amor os lugares queridos, vai ter fechadas as portas e as janelas no rosto. Estarão todos ainda com medo de que vocês voltaram para reclamar direitos e heranças. Não esperem piedade da Itália. Não esperem piedade dos italianos. Vão e deem as costas para sempre. A volta de vocês jamais será bem-vinda. No instante em que pisarem no navio, o mundo de vocês será outro. Esqueçam a Itália, não chorem nunca por ela, porque a Itália já se esqueceu de vocês (POZENATO, 2000, p. 34-35, destaques do autor).

O autor Pozenato apresenta a definição de Cleodes Piazza Ribeiro do *Paese di Cuccagna* ou *País das Maravilhas* sob o título *Descrição do País da Cocanha, onde quem menos trabalha mais ganha*, também apresentada por ARENDT e PAVANI (2000, p. 222) e DAMKE (2013, p. 182):

A topografia do *Paese di Cuccagna* é dominada por uma montanha, na verdade um vulcão, que expele, continuamente, moedas de ouro. Quando chove, nesse país, chovem pérolas e diamantes, mas podem chover também raviólis. Em direção ao porto, denominado Porto dos Ociosos, navegam embarcações carregadas de especiarias, mortadelas, toda a sorte de embutidos e presuntos. Rios de vinho grego são atravessados por pontes de fatias de melão, lagos de molhos soberbos estão coalhados de *polpette* e *fegatelli*. Fornadas permanentes de pão de farinha de trigo abastecem os habitantes do lugar. Aves assadas despencam do céu, direto sobre a mesa, enquanto as árvores cobrem-se de frutos nos doze meses do ano. As vacas parem um vitelo ao mês e os arreios dos cavalos são de ouro, mas as rédeas são linguças... A topografia se completa com uma colina na qual está a prisão destinada aos infratores da única lei que vigora no país: não trabalhar e gozar a vida. Para os camponeses pobres e atormentados pelo espectro da fome, a identificação da América com o *Paese di Cuccagna*, ainda que a soubessem inverossímil, talvez tenha sido estimulante por exprimir a reivindicação do desejo insatisfeito (POZENATO, 2000, p. 7, destaques do autor).

Na descrição da saída do navio do porto de Verona na Itália, Pozenato fala dos sentimentos que tomavam conta de Aurélio, um dos personagens principais do seu romance *A*



*cocanha*. Pode-se imaginar os sentimentos de tristeza, de saudade e, de outro lado, o da esperança de uma vida melhor para si e para seus familiares na nova pátria.

Fechou os olhos e Rosa encostou-se em seu ombro. Por ela é que estava tendo coragem de ir para a América. Queria fazer dela uma *signora*, se Deus o ajudasse, com anéis nos dedos e camisa de rendas. Todos falavam que a América era o país da cocanha. Ele não era bobo de acreditar em salame pendurado nas árvores, em pedras feitas de queijo, em fontes de vinho moscatel. Mas ao menos teria a sua terra e toda a colheita seria dele, sem ter que repartir com o patrão. Quando fosse velho, poderia ter mais de uma tabaqueira vazia para deixar para os filhos (POZENATO, 2000, p. 16-17, destaques do autor).

Pozenato em seu romance *O quatrilho* sobre a imigração italiana no Rio Grande do Sul ressalta o sonho de possuir uma casa própria e quando este se tornava realidade, era motivo da maior satisfação dos imigrantes:

À noite, exausta, Teresa podia sentir doendo cada parte do corpo. O menino da Pierina chorava. Quando pôde, enfim, ir para o quarto, estirou-se na cama, sem mesmo tirar o vestido emprestado. Antes de apagar a lamparina, contemplou demoradamente a sua cômoda. Ao lado, Rosa dormia no berço feito pelo *nono* Aurélio. No quarto ao lado Mássimo devia também estar dormindo. Deu um suspiro de satisfação e apagou a luz. Ouviu então o barulho do rio. Esta era a sua casa. Podia dormir feliz (POZENATO, 1996, p. 113, destaque do autor).

Os historiadores que tratam da imigração alemã e italiana destacam que os imigrantes literalmente passavam fome em sua terra natal, por isso o sonho de ter comida para si e para sua família devia estar presente no seu dia a dia. E quando o sonho se realizava, a cocanha do imaginário popular se tornava realidade. O personagem Padre Giobbe do romance de Pozenato destaca bem este sonho:

E era bom que tivesse morto de fome. Na mesa de Dona Iolanda, a estas horas impaciente da espera, ia encontrar na certa um banquete digno da velha Ilíada. Postas douradas de leitão, fatias de queijo rústico, a travessa de *taiadele* [Macarrão cortado em tiras com a faca] laboriosamente cortadas em tirinhas uniformes, a salada temperada com vinagre tinto e toucinho. E, junto, o vinho vermelho, de cheiro acre, onde molhar os bocados de pão branco, prelúdio de uma sesta bem merecida. (POZENATO, 1996, p. 19, destaques do autor e inclusão da tradução de nossa autoria).

Mais uma vez Pozenato descreve o que seria, no contexto dos imigrantes nos primeiros





tempos da colonização, um verdadeiro banquete. O *banquete* é de certa forma, um rito de ação de graças pela primeira e farta colheita que os colonos estavam colhendo na nova terra. Observe-se a presença dos frutos da terra: o milho novo, o vinho vermelho e os passarinhos, abundantes na época, caçados por eles.

Os homens riem e falam alto, entre goles de cachaça que incandesce, mais que o braseiro, o fresco ar noturno. Um corote de bom vinho aguarda para ser aberto quando a mesa for servida. As mulheres mexem as panelas de polenta, não pode faltar polenta, e antes sobrar que faltar, para a festa não ser um desastre. Mas são tantas mulheres que a maioria delas pode ficar sentada e saborear o próprio cansaço. Tinha sido delas a tarefa de depenar a montanha de passarinhos, de ralar o milho novo, ainda não bem maduro, para a polenta que explode em bolhas nas panelas. Não é bem uma farinha o que tinham conseguido nos raladores de lata. Não importa, ela tem o sabor do milho novo, sem cheiro de caruncho nem de mofo da farinha velha. As crianças de berço dormem dentro da casa. As outras estão ali rodeando os preparativos, de olhos embevecidos, mudas, cheias de desejo (POZENATO, 2000, p. 255).

Os louvores à terra da cocanha são frequentes, especialmente quando Pozenato fala da comida, das refeições:

À noite, de vestido novo e fita no cabelo, ela continuava sem fome. O pai não parava de comer polenta e *bacalà*, nunca o tinha visto comer tanto. “Me sinto no país da cocanha”, ele disse, e seu Tommaso sorria, mandava que enchesse de novo o prato. A mesa foi esvaziada e vieram doces e café. Depois um licor. As conversas não terminavam mais, e Teresa começou a sentir sono, ficou com medo de dormir e perder a festa (POZENATO, 2000, p. 371, destaques do autor).

O sucesso e a fartura, resultados do trabalho exaustivo dos primeiros colonos, são frequentemente descritos pelo autor:

Estar ali, no chiqueiro dos porcos, nessa hora quente depois do almoço, dava a Aurélio uma sensação de saciedade. O cheiro do esterco, da abóbora mastigada, da porca amamentando os doze leitões de orelhas rosadas, era tão grosso e adocicado que se arrastava pelo chão e lhe envolvia o corpo como um cobertor. Gostava de ficar ali, com a cabeça leve, como se estivesse um pouco embriagado. Tomara, sim, dois copos de vinho tinto, mas não era do vinho o prazer que sentia. Era de ver que estava rodeado de fartura. Depois de sete anos de luta, ele era quase um senhor. Tinha seu cavalo, as duas vacas, queijos e salames guardados no porão, uma pipa de vinho, essa ninhada de leitões. E tinha também dois filhos, Ângelo e Dosolina. Teria três, se no meio deles não tivesse perdido o que levava seu nome, Aurélio, o anjo que Deus levava consigo (POZENATO, 2000, p. 277).



O sucesso com a criação de animais e a fartura da colheita era a expressão máxima de um trabalho profícuo e de uma vida bem sucedida. No meio dos imigrantes alemães era costume levar as visitas, geralmente também colonos, a mostrar o chiqueiro de porcos e o gado no potreiro. Havia uma concorrência, mesmo que velada, para ver quem tinha a criação e plantação mais bonitas.

Esta prosperidade era comemorada intensamente pelos colonos. Pozenato (2000, p. 252) narra que os moradores de Santa Corona prepararam uma grande festa na Páscoa para comemorar um ano desde que foram morar em suas propriedades e diz: "... o trigo dera boa colheita, quase todos tinham comprado o seu cavalo e melhorado a casa, e a plantação de milho e abóbora prometia fartura, com porcos no chiqueiro e muitas galinhas no cercado".

O autor (Ibidem) segue narrando a festa que os colonos estavam preparando:

À noite, o cheiro da passarinhada assando nos espetos, temperada com sálvia e fatias de toicinho, pingando gordura nas fatias douradas de polenta, deixa todos inebriados. No país da cocanha, conta-se, as aves caem já assadas do céu. Estas caem do céu, mas cabe a eles assá-las, sentindo o aroma que entra pelas narinas e invade o corpo até a profundidade da alma. É maior que o da cocanha esse prazer de estarem preparando o banquete com suas próprias mãos, tendo a sensação da fartura sem limites (POZENATO, 2000, p. 254).

É interessante como o autor (Ibidem) coloca os dois filhos do Aurélio no mesmo rol dos animais. Isto tem uma explicação, pois as doenças e a falta de recursos eram motivos frequentes da morte de adultos e principalmente de crianças nos primeiros tempos da colonização. A própria expressão *não tivesse perdido o que levava seu nome* mostra isto.

A morte, segundo todos os autores que descrevem a história da imigração alemã e italiana, estava frequentemente presente na vida dos imigrantes. Um número elevado de doenças que na época ainda não tinham tratamento, a falta de médicos, hospitais e remédios, as distâncias até os centros maiores, tudo isto fazia o número de mortes ser bastante elevado nesta época. O autor citado (Ibidem) descreve o outro lado da moeda, o que para os imigrantes italianos poderia ser a *anti-cocanha*:

O ambiente do alojamento era de embrulhar o estômago. O ar era abafado, o cheiro azedo de vômito e de fezes lembrava o porão do navio, no dia da grande tempestade. Mas havia ainda outro cheiro, de remédios talvez, da fumaça que pairava na luz fraca dos lampiões, ou da morte mesmo. Homens e mulheres



estavam jogados nos bancos, com ar resignado, alguns com o rosário nos dedos, sem ânimo para falar. Roco sentiu náuseas e logo uma tontura. A casa parecia girar. Voltou depressa para a porta, precisava respirar ar puro. Sentou-se no degrau de pedra e sentiu o suor a umedecer-lhe todo o corpo. Envergonhou-se da própria fraqueza, mas não tinha ânimo de tornar a entrar. Gemidos abafados, choro de crianças, misturavam-se ao canto dos grilos. Era absurdo aquilo tudo. Virem do outro lado do mundo para morrer estupidamente. Por pior que fosse a vida que tinham, com certeza essas crianças não estariam morrendo como moscas no visgo (POZENATO, 2000, p. 287).

Mesmo com toda a vontade de os imigrantes virem para o Brasil e de se tornarem brasileiros, a adaptação ao novo contexto sociocultural e geográfico e o fato de terem que assumir a nova identidade de brasileiros, não devia ser fácil para eles. Pozenato (2000, p. 290) diz isto: “O secretário sorri discretamente. Esses italianos continuam com dificuldades de se sentirem no Brasil”.

O Presidente da Província do Rio Grande do Sul, hoje Estado do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos, em visita a então Vila de Caxias, numa narração de Pozenato, enaltece os resultados benéficos da imigração:

Empolgado, as palavras o socorriam em jorro. Rememorou a dura trajetória dos imigrantes de todas as pátrias – alemães, poloneses, franceses, ingleses, espanhóis, mas sobretudo italianos – que cruzaram o mar para fazer brotar a riqueza nas montanhas inóspitas. Guindou a mulher às alturas de deusa e inspiradora das conquistas dos homens, exaltou o braço forte que não se deixou abater nem pela natureza nem pela adversidade, que pintou com o dourado das espigas as encostas, que fez jorrar das escarpas o vinho generoso. Muitos dos ouvintes enxugavam lágrimas, enquanto Júlio de Castilhos os convocava para serem brasileiros de coração e alma, de direitos e deveres, já que o eram por adoção desta pátria generosa (POZENATO, 2000, p. 359).

As palavras do Presidente bem demonstram o quanto, na maioria dos casos, os sonhos de uma cocanha na nova pátria estava se tornando realidade, o que continuou a acontecer na vida dos descendentes destes imigrantes até os dias de hoje.

### **Considerações finais**

Não se pode separar a construção da cocanha moderna com a formação da identidade dos imigrantes, assim, também afirmam Arendt e Pavani:



Em síntese, percebe-se, ao longo de *A Cocanha* e *O Quatrilho*, um processo de reelaboração da identidade por parte das personagens. As referências simbólicas do Paraíso e do Inferno foram orientadas à nova realidade. O imaginário social, nesse caso, ampliou-se para abrigar outras imagens, lembranças, sensações, experiências e visões do real que ajudaram a impulsionar o grupo em direção aos seus propósitos. A concretização dos objetivos dependeu, tanto de uma adaptação do imaginário trazido da Itália às culturas gaúcha e brasileira quanto da (re)construção simbólica da realidade social. E, para isso, conforme se verificou nas obras analisadas, a Igreja e a religiosidade desempenharam um papel relevante na edificação de uma nova identidade cultural (ARENDDT e PAVANI, 2006, p. 240).

E os sonhos e a realidade, da pergunta inicial, até que ponto fizeram e fazem parte da vida dos imigrantes e de seus descendentes ainda hoje? É difícil de responder. Para muitos deles, os sonhos de uma *cocanha* ou *ilha da fantasia* se tornaram realidade, basta ver, o sucesso que tiveram ao longo dos anos, o que as palavras do Presidente da Província do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos, já citado, também comprovam. No entanto, pode-se afirmar, também, que os sonhos sempre continuam na vida das pessoas, nunca estes se tornam totalmente realidade, sempre sobram sonhos para serem sonhados, sempre há sonhos para se tornarem realidade. Se isto vale para qualquer pessoa, muito mais ainda, isto é verdadeiro para os descendentes de imigrantes que deixaram suas pátrias na velha Europa para construir uma nova vida para si e suas famílias na nova pátria, o Brasil. Em outras palavras, construir uma vida cheia de realidades, mas também sempre repleta de sonhos.

## Referências

ARENDDT, João Cláudio e PAVANI, Cinara Ferreira. América: a anti-utopia da imigração italiana. In: **Conexão – Comunicação e Cultura**. Caxias do Sul: UCS, v. 5, n. 9, p. 219-241, jan./jun. 2006.

**BÍBLIA DE JERUSALEM**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. **Einaudi**. Lisboa: Anthropos-Homem, n. 5, 1996.

BIASI, Alessia de. Danças gaúchas em San Marcos: antropologia da cosmogonia identitária vêneta-gaúcha. In: RIBEIRO, Cleodes Maria P. J.; POZENATO, José Clemente (Orgs.). **Cultura, imigração e memória: percursos & horizontes: 25 anos do ECIRS**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004.

Damke, Ciro. **As interferências do alemão como língua materna na aprendizagem do português**. Porto Alegre: UFRGS, 1988. Dissertação de Mestrado.





\_\_\_\_\_. **Sprachegebrauch und Sprachkontakt in der deutschen Sprachinsel in Südbrasilien.**

Frankfurt am Main: Peter Lang, 1997.

\_\_\_\_\_ e SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. **Volkslieder (músicas populares alemãs) no sul do Brasil:** aspectos linguísticos, socioculturais e identitários. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica.** São Paulo: Cultrix, 1988.

FOUQUET, Carlos. **Der Deutsche Einwanderer und seine Nachkommen in Brasilien 1808-1824-1974.** São Paulo: Instituto Hans Staden; Porto Alegre: Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, 1974.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Cocanha:** várias faces de uma utopia. Cotia: Ateliê Editorial, 1988.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso:** os motivos edênicos na descoberta e colonização do Brasil. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

HÜBNER FLORES, Hilda Agnes. **Canção dos Imigrantes.** Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente.** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

OBERACKER Jr., Karl H. **Der deutschen Beitrag zum Aufbau de Brasilianischen Nation.** São Paulo: Herder, 1955.

ORNELLAS, M. **Gaúchos e beduínos:** a origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

PATLAGEAN, Evelyne. A história do imaginário. In: LE GOFF, Jaques. **A história nova.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PORTO, Aurélio. **Die deutsche Arbeit in Rio Grande do Sul.** São Leopoldo: Rotermund, 1934.

POZENATO, José Clemente. **O quatrilha.** 11. ed. Porto Alegre: Mercado aberto, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Cocanha.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul.** 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1969.